



## Hibridismo, pós-mídia e subjetividade<sup>1</sup>

Guilherme Reolon de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### Resumo

Da realidade, da observação empírica, vê-se um novo homem, advindo de uma imperatividade do hibridismo, de duplo sentido – ultraje ou mistura, que visa abolição da polarização e promove o relativismo em todos os meandros: uma provocação da mídia e do Mercado, da conjuntura político-econômica que, aos poucos, penetra no tecido cultural. Objetiva-se, neste estudo, fomentar a discussão da realidade social, em constante mutação, que apresenta características singulares. Pretende-se compreender como o híbrido é produzido, quais as suas características singulares, e suas implicações éticas, estéticas e subjetivas. Neste sentido, pode-se pensar nos seguintes termos: a ausência do Outro, a auto-referencialidade, o império da imagem e da tecnologia.

**Palavras-chave:** hibridismo; subjetividade; mídia; ética; neoliberalismo.

Retratos fora do lugar  
Deslocamentos de um Real.  
O Simbólico reina  
as imagens proliferam  
nos outdoors  
que a cidade teima em celebrar.  
Semio-criação.  
O logos da representação,  
criada,  
re-criada,  
substancializada.  
Sim, pode comer, beber,  
pegar, apertar.  
O sentimento, agora, é palpável.  
O Imaginário delira  
O consumo impera  
E a saudade surge a toda hora.  
Retrôs,  
híbridos,  
coisas não-inventadas  
copiadas no face-a-face.  
As máscaras caem.  
"Onde foram parar?"

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Resultado preliminar da pesquisa realizada junto ao PPG em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), como pré-requisito para o título de Mestre, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Inês Hennigen.

<sup>2</sup> Mestrando em Psicologia Social e Institucional (UFRGS), Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (UCS) e Graduando em Filosofia (UFRGS). Pesquisador do GPESC/Fabico/UFRGS – Grupo de Pesquisa em Semiótica Crítica. E-mail: guilherme.reolon@ufrgs.br.



## 1 Introduzindo

Uma realidade diferente, crua, líquida, solúvel. Por vezes, enigmática. Com pitadas de um pretérito que ainda se quer presente. Uma angústia, porém: a todo custo, o tempo se mutaciona, acelera. O futuro rompe a casca do ovo, deseja nascer no instante imediato. Imperativos por toda a parte. O gozo a qualquer preço. No entanto, a foracclusão age: não in-clui, fora-clui. As leis são necessárias? Ou seria a ética<sup>3</sup>, princípio regente, essencial ao agir humano? Humano, onde está?

Compreensão de mecanismos subjacentes, colocar-se no divã do analista, revelar-se. Um estudo pretende um algo-a-mais: único, revelador. Decifrar charadas, desemaranhar nós, reverter miscelâneas. Quem sabe, misturar e fundir teorias, como um químico, formando novos compostos. Saber do/no social, criticar. Analisar. Interpretar. Delirar para conseguir enxergar o que realmente é, está, há<sup>4</sup>. Relevante, assim. Pois a pesquisa é um fato, um ato de desconstrução. Para construção do novo. Desvelamento do obscuro. Trazer à tona o real, inacessível sem a lupa, sem o conhecimento, enquanto *episteme*, ação sobre o mundo.

## 2 Ultraje e miscigenação

Vivemos, na atualidade, sob um excesso de paradigmas<sup>5</sup> – será que podemos falar neles?, paradigmas ou conhecimentos? –, na medida em que a informação, especialmente a visual (como decifrá-la?) é a grande mentora contemporânea. Há

---

<sup>3</sup> A palavra *Ética* é originada do grego *ethos*, modo de ser, caráter. Em Filosofia, *Ética* significa *o que é bom* para o indivíduo e para a sociedade, e seu estudo contribui para estabelecer a natureza de deveres no relacionamento indivíduo-sociedade. Define-se *Moral* como um conjunto de normas, princípios, preceitos, costumes, valores que norteiam o comportamento do indivíduo no seu grupo social. Moral e ética não devem ser confundidas: enquanto a moral é *normativa*, a ética é *teórica* e busca explicar e justificar os costumes de uma determinada sociedade, bem como fornecer subsídios para a solução de seus dilemas mais comuns. *Ética* também não deve ser confundida com lei, embora, com certa frequência, a lei seja baseada em princípios éticos. Ao contrário do que ocorre com a lei, nenhum indivíduo pode ser compelido, pelo Estado ou por outros indivíduos, a cumprir as normas éticas, nem sofrer qualquer sanção pela desobediência a estas; por outro lado, a lei pode ser omissa quanto a questões abrangidas no escopo da ética.

Nos dizeres de Foucault: *Ética* é “o tipo de relação que se deve ter consigo mesmo, [...] e que determina de que maneira pela qual o indivíduo deve se constituir a si mesmo como o sujeito moral de suas próprias ações” (FOUCAULT, 1995, p.263)

<sup>4</sup> “Já que o mundo se encaminha para um delirante estado de coisas, devemos nos encaminhar para um ponto de vista delirante. Mais vale perecer pelos extremos do que pelas extremidades” (BAUDRILLARD, 1990, p. 5)

<sup>5</sup> *Paradigma* é a representação de um padrão a ser seguido. É um pressuposto filosófico, matriz, ou seja, uma teoria, um conhecimento que origina o estudo de um campo científico; uma realização científica com métodos e valores que são concebidos como modelo; uma referência inicial como base de modelo para estudos e pesquisas. Thomas Kuhn (1922 – 1996), físico americano, em seu livro “A estrutura das Revoluções Científicas” coloca que “um paradigma, é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma”.



supervalorização da informação e do serviço, em detrimento da produção de bens, ainda que estes nos sejam convocados a ter, a necessitar, como supressão de algo.

Emergem, rapidamente, uma quantidade enorme de disciplinas, ciências e conhecimentos, isolados e sem comunicação. Excesso esse gerador de falta, carência paradigmática: nos tornamos cada vez mais confusos e sem caminhos a seguir, sob a égide da incerteza total. Excesso também caracterizador de uma fragmentação, de um espraiamento, de uma quebra de conexões. Num movimento contra-a-corrente, uma análise complexa, uma visualização do todo, muito comprometida, contudo muito abafada, renegada.

O homem contemporâneo é marcado por insígnias muito singulares, em comparação aos homens de tempos passados. Com as mudanças trazidas pela tecnologia e pelas novas formas de estar/ser-no-mundo, a sociedade rompe com paradigmas, a partir da década de 90. O homem, assim, acompanha a sociedade, constituindo-se ou produzindo-se de forma diferenciada, inscrevendo-se no social, realizando laço, a partir de um Outro – talvez um Outro muito frágil – supercial, diferente, antes apenas outro, alteridade.

A mídia<sup>6</sup>, ou o Mercado, o sistema político-econômico vigente, ocupando este lugar, impede ou determina outras vias de fluxos e devires, inscreve significantes não mais a partir de um Olhar<sup>7</sup> afetivo, mas pelas vias do consumo e do espetáculo, muito reforçados pela indústria cultural<sup>8</sup>. Uma nova percepção de mundo o homem adquire:

<sup>6</sup> “A mídia, de fato, é uma das forças subentendidas na formidável dinâmica de individualização dos modos de vida e dos comportamentos da nossa época. A imprensa, o cinema, a publicidade e a televisão disseminaram no corpo social as normas da felicidade e do consumo privados, da liberdade individual, do lazer e das viagens e do prazer erótico: a realização íntima e a satisfação individual tornaram-se ideais de massa exaustivamente valorizados”. (LIPOVETSKY, 2004, p.70).

<sup>7</sup> Somos constituídos pelo Olhar do Outro, pela imagem (nossa) refletida no olhar deste. É através do Olhar, contudo, que transferimos para a mídia o lugar de Outro. Procuramos, especialmente na TV, na imagem especular, este Outro.

<sup>8</sup> “[...] para a referida Indústria Cultural, a cultura, propriamente dita, subordina-se ao entretenimento para que possa sobreviver em sua estratégia de divulgação mercadológica, mesmo que para tal tenha que se fundir à animação própria do espetáculo: daí o termo “animação cultural”. O que não deve ser confundido com a função da cultura no Humanismo Renascentista, onde a Razão era o próprio espetáculo ou, dito de outra forma (tomando-se o teatro “sheakespereano” como marco), o espetáculo transformava-se em cultura e não a cultura em espetáculo. Vale dizer que Hamlet era culturalmente maior do que seus intérpretes e/ou porta-vozes críticos, enquanto na contemporânea sociedade do espetáculo o porta-voz faz-se passar pela autoria (maestria)”. (MENDONÇA, 1994, p.67).

“A indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. O próprio ócio do homem é utilizado pela indústria cultural como o fito de mecanizá-lo, de tal modo que, sob o capitalismo, em suas formas mais avançadas, a diversão e o lazer tornam-se um prolongamento do trabalho. [...] A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. Aliada à ideologia capitalista [...] a indústria cultural contribui eficazmente para falsificar as relações entre os homens, bem como dos



neste momento, ele o abstrai pelas imagens, o que, por vezes, carrega uma significância complexa para a mente infantil, com uma cognição ainda muito primária.

Conseqüência desta superespecialização, adentrada em todos os meandros sociais, não apenas na educação, ou no conhecimento, mas na cultura, há hibridização por todos os lados. Fragmentada<sup>9</sup>, quebrada, violada, a sociedade busca por reparação (?), (re)inscrição, renomeação. Quer, no século XXI, hibridizar.

A palavra *híbrido* tem dupla origem, grega e latina: do grego, *hybris*, ultraje, violação às leis naturais; do latim, *hybrida*, miscigenação, mistura. Há, sobretudo na atualidade, rompimento, violação, quebra, ruptura. De legislações, de leis morais, de leis naturais (ou naturalmente aculturadas). Pois bem, a hibridização como principal característica da contemporaneidade. Pós-moderna, hipermoderna, moderna líquida: a sociedade se inscreve hoje (também) pelo *híbrido*: caminhamos para uma *sociedade do híbrido* (no mesmo sentido de uma *sociedade de consumo*<sup>10</sup>, ou uma *sociedade do espetáculo*<sup>11</sup>)?.

A condição híbrida<sup>12</sup> prima pela mistura, pela fusão<sup>13</sup>, em todos os sentidos, sejam eles materiais e físicos (com as próteses, os microchips, a fertilização *in vitro*, a manipulação genética<sup>14</sup>), subjetivos e afetivos (a inteligência artificial, as relações homens com a natureza, de tal forma que o resultado final constitui uma espécie de antiiluminismo” (ADORNO, 2000, p.08)

<sup>9</sup> Fragmentado, pois não possui referências, base estrutural. O homem da pós-modernidade é caracterizado pela especialização focada em campos de estudo micro; caracterizado por um pensamento fragmentado atento às partes e não ao todo. Segundo Mike Featherstone (1995), o pós-modernismo é caracterizado pela transformação da realidade em imagens e pela fragmentação do tempo numa série de presentes perpétuos. Esta segunda característica tem como paradigma a esquizofrenia, considerada um colapso da relação entre os significantes, o colapso da temporalidade, memória, senso de história. A experiência imediata e indiferenciada da presencialidade do mundo, para o esquizofrênico, conduz a uma noção de “intensidades”.

<sup>10</sup> Para Jean Baudrillard (1995).

<sup>11</sup> “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. [...]O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DÉBORD, 1997).

<sup>12</sup> Santaella (2003) ressalta que, no campo das tecnologias, a inteligência artificial, a robótica e a protética são, evidentemente, construções pós-humanas: “Também pós-humana é a nototecnologia [...] a máquina está ficando cada vez mais parecida com o orgânico, e o humano, ao receber implantes maquinicos não é mais o que costumava ser. [...] Ainda outra tecnologia pós-humana é a vida artificial. São programas artificiais que têm a forma de vida, quer dizer, simulam sistemas biológicos em um espaço virtual. Dessa simulação, originam-se seres viventes secos, réplicas em silício dos seres vivos úmidos, de carbono” (p.241-242)

<sup>13</sup> “Ao absorver e digerir, dentro de si, essas [...] formas de cultura, a cultura de massas tende a dissolver a polaridade entre o popular e o erudito, anulando suas fronteiras. Disso resultam cruzamentos culturais em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial mesclam-se em tecidos híbridos e voláteis próprios das culturas urbanas” (SANTAELLA, 2003, p.52)

<sup>14</sup> Santuário (2005) coloca que: “Estamos entrando em uma era em que os seres humanos poderão ser intencionalmente (*choice*) aperfeiçoados como são as galinhas, com elevado QI, melhor aparência e maior



líquidas, as incertezas existenciais<sup>15</sup>). A polarização é suprimida, abafada, em favor da valorização da mistura. Não há mais bem e mal, ético e anti-ético, belo e feio, uma vez que além da conceituação, o próprio existir é relativizado<sup>16</sup>.

Todos são “normais”<sup>17</sup>. A normalidade passe a ser sinônimo de anormal, uma vez que a diferença deve ser a suprema. Ser diferente (entendido, talvez erroneamente, como ser-fora, como ser-dos-extremos, que viola a qualquer preço o instituído, mesmo desprovido de ideologia ou justificativa que sustente a ação) como modo-de-ser, como modo de constituir-se.

Há andróginos, uma vez que o padronizador deve ser abolido. Toda interdição, todo primado de polarização ou classificação precisa ser excluído ou ignorado. Neste sentido, não há mais diferença: todos a visando, acabam por se igualarem. É homem ou mulher? É a indistinção sexual. Há fusão homem-máquina, com a sobreposição de materiais inorgânicos a orgânicos: as tecnologias incorporadas ao fazer cotidiano e ao próprio corpo<sup>18</sup>.

Não há relacionamento duradouro, duradouro mesmo. Nem “solteirice” plena. Há um meio-termo. Os relacionamentos quânticos são os grandes valores contemporâneos, já que a satisfação a qualquer preço, sem solidez, é a melhor 'sacada' do pós-modernismo. O *ficar* como *modus relacionardis* contemporâneo, os instantâneos, o aqui-e-agora desprovido de sentimento, ou de sentimento inócua, fluido, superficial.

O ideal (se é que há?) é parecer sólido externamente, quando na matriz real o que há é fluidez. Ser “politicamente correto”: a “moda” do momento. O normal é ser

---

longevidade. Isso virá substituir a modalidade antiga de deixar a natureza seguir seu próprio curso (*chance*)”. (p.185)

<sup>15</sup> Nosso tempo é um tempo de incertezas. Não há verdade-absoluta em nenhum sentido, em nenhum lugar ou área do conhecimento. O relativismo penetrou nos mais diferentes meandros da educação, da cultura e da sociedade. Sob esta perspectiva, Bauman acrescenta que vivemos uma modernidade líquida, que há uma liquidez no viver, nas relações afetivas, nas relações sociais, nos conceitos.

<sup>16</sup> Ainda que, em muitos casos, pensemos em termos de “mocinho” e “bandido”, “corrupto” e “legal”, “educado” e “grosseiro”, essas relações dominante-dominado são criadas e produzidas por um discurso midiático, que procura encobrir o que poderíamos chamar de *discurso capitalista*, com um intuito de fazer não-credere que a hibridização acontece em todas as redes, os meios e os extremos.

<sup>17</sup> Zizek (2001) lembra que Lacan propôs: “uma visão libidinal de nossas sociedades capitalistas tardias ao falar da proliferação de sintomas, dos tiques particulares e contingentes que dão corpo ao gozo e que estão mais bem exemplificados pelos inúmeros aparelhos com os quais a tecnologia nos bombardeia todos os dias. Na perversão generalizada do capitalismo tardio, a própria transgressão é solicitada; somos bombardeados com aparelhos e formas sociais que não apenas nos permitem viver com nossas perversões, mas também conjuram diretamente novas perversões” (p.11)

<sup>18</sup> *Pós-humano* é o termo utilizado, por teóricos, para denominar o homem contemporâneo: mescla de homem e máquina, homem dependente das máquinas, vivência determinada pelas máquinas.



normal, ou seria o contrário? Há mescla de estruturas, se é que podemos falar nelas! Psicose<sup>19</sup> e perversão<sup>20</sup>, neuropsicose, estruturas em rede, estruturas de borda, de fronteiras, estruturas híbridas? Antes excluídas pela sociedade, caracterizadas como patológicas, no contemporâneo são motivadas pela sociedade do espetáculo, em que a mídia exerce papéis distintos aos funcionais/utilitários – prestação de serviços, noticiabilidade, dentre outros<sup>21</sup>. Enquanto campo da linguagem, campo de significações, neste caso exercido pela mídia, o Outro da pós-modernidade incute para e no sujeito um pseudo-objeto, gerador de pseudo-desejo. As pseudo-satisfações, o mal-estar de nosso tempo: a ilusão do consumo.

Este pseudo-desejo<sup>22</sup>, à semelhança do gozo, é puro fora-de-si, exterioridade plena. Daí o consumismo: realização dessa busca, plenitude desta constante procura pela satisfação, com o pseudo-objeto. As *performances* e a indústria cultural, enquanto representações da sociedade pós-moderna, acabam por ser estimuladas, mesmo que inconscientemente, pelo sujeito. O são incutidas, ou mesmo provocadas.

Poderia citar também a cibercultura<sup>23</sup>: o sujeito imerso no virtual, no espaço do irreal, realizador (contudo não!) de tudo, a tudo fazer, tudo desejar. A cibercultura é o

---

<sup>19</sup> A *psicose*, para a psicanálise, é um tipo de falência no que concerne à realização do “amor”. O psicótico quer o gozo absoluto. Para ele, o desejo é violência, auto ou hetero-hostil (é assim que ele interpreta). Ele se apega ao Outro, para não deixar que se abra um espaço provocado por sua falta. Nele, o Real, o Simbólico e o Imaginário (na teoria lacaneana) se confundem. Ele produz um outro “real” – a alucinação – e um outro “simbólico” – o delírio – para acreditar-se sem falha, puro imaginário, total. Os objetos do delírio não passam das faces objetais dele.

<sup>20</sup> O *perverso*, para a psicanálise, dá-se apenas ao Outro simbólico. Todos os “outros”, inclusive o próprio sujeito, são para esse Outro instrumentos de gozo. Para o perverso, o desejo é pulsão. Nele, o Real se separa do Simbólico, mas é imaginarizado. Daí a fantasia da plenitude. Nele, o fetiche é o desejo do Outro. E a violência exercida sobre o outro é uma antecipação do fetiche. A perversão é a transgressão da lei, da norma, da natureza. Nela, o inconsciente estaria a descoberto. Aparece sob as formas: masoquismo, sadismo e narcisismo.

<sup>21</sup> “A televisão não é, portanto, como se costuma afirmar, mero “reflexo do real”, mas antes “real do reflexo”. Em termos mais claros: num espaço visualizado à distância (telecomunicações), comandado à distância (telecomandos, informática), com coordenadas de tempo e espaço alteradas (simultaneidade, instantaneidade e globalidade dos acontecimentos), com uma produção ilimitada de simulacros (reproduções ou duplicações do real), a técnica televisiva apresenta-se com um aspecto real dessa ordem de reflexos ou simulacros” (SODRÉ, 1987, p.59).

<sup>22</sup> “Desejo, imagem televisiva, imagem publicitária reencontram-se na afinidade de remeterem sempre a um objeto fadado a não poder jamais satisfazer o sujeito, ou seja, a um real que não se aprovará nunca. A imagem sob a forma de simulacro é apenas um signo feérico e, como tal, deve gerar a sua própria ordem baseada numa economia de frustração. Sua dinâmica de funcionamento consiste em não poder jamais cumprir inteiramente aquilo que promete: no caso do vídeo, o real indigitado; no caso da publicidade, o objeto anunciado, que não pode ser definitivamente satisfatório, pois deve deixar margem ao desejo ininterrupto de consumo”. (SODRÉ, 1994, p.61).

<sup>23</sup> *Cibercultura* tem vários sentidos. Mas se pode entender por Cibercultura a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônicas surgidas na década de 70, graças à convergência das telecomunicações com a informática. A cibercultura é um termo utilizado para definir os agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual.



símbolo da transgressão e da alucinação – ícones de estruturas, se pensarmos a partir delas. No ambiente virtual, o sujeito pode tudo: imaginar, sentir, necessitar, desejar, sem o fazer realmente. O fetiche, o gozo pleno, a qualquer preço<sup>24</sup>.

Há meio-termo, confusão entre público e privado: o voyeurismo e o narcisismo<sup>25</sup>. Os celulares, as *web-cams*, os chats, as redes sociais. Não há referências, já que todas as anteriores perderam seu valor-de-verdade, foram relativizadas, questionadas e colocadas à berlinda do real contemporâneo. Não há ícones, não há gênios especialmente geniais, ao mesmo tempo que há ícones demais, há celebridades, há sujeitos instantâneos, que surgem e desaparecem sob um mesmo surtir de tempo. Isso confunde, o que iguala os não-iguais, com a padronização imposta pelas leis de mercado.

Não há divisão de funções, já que as novas teorias administrativas pregam o saber fazer tudo, o ser multifuncional, cujo saber deve estar focado na missão empresarial, no objetivo final, no produto acabado. Mas, no mesmo instante, há cobrança de especialização super-especializada, que saiba lidar com as crises, com os problemas emergenciais, com os problemas focais e de microestrutura. Ainda, um mercado que deseja apáticos, não-questionadores, que apenas sigam regras. O mecanicismo e a agilidade no fazer.

Há crise de costumes. Afinal, para quê, eles? A moral é entendida como atadora da liberdade, que, por sua vez, é sinônimo de fazer o que se quer, sem Outro, o Mesmo livre de limitações sociais internas e externas. Não há tradição, já que ela está ultrapassada, mas há retrôs, que estão na moda, na crista da onda. Parecer antigo, parecer moderno, mas ser híbrido, não o ser, ser um novo, que não seja um, nem seja outro.

---

<sup>24</sup> “O sujeito da cultura do narcisismo é tão 'socialmente determinado' quanto qualquer outro, mas tem que se acreditar livre para tudo desejar e tudo consumir. Esta fantasia de liberdade – o delírio da autonomia do homem moderno, no dizer de Lacan – tem seu preço em culpabilidade. O sujeito da cultura do narcisismo sente-se inteiramente responsável por suas escolhas e ignora que está sendo 'escolhido' pelo discurso do Outro; sente-se culpado por não ser capaz de obedecer ao imperativo do gozo desconhecendo que é impossível de se cumprir” (KEHL, 1996, p.133).

<sup>25</sup> “Do mesmo modo que Narciso, o personagem da mitologia grega, apaixonou-se por sua própria imagem numa lagoa, os indivíduos do capitalismo contemporâneo também precisam de um espelho em que possam recobrar o amor por sua própria imagem, tão comprometido pelo esforço de continuar a gerar valores financeiros. É por causa disso que Adorno diz que a cultura de massa como um todo é *narcisista*, pois ela vende a seus consumidores a satisfação *manipulada* de se sentirem representados nas telas do cinema e da televisão, nas músicas e nos vários espetáculos” (FREITAS, 2003, p.19).



Não há comunicação, mas há excesso de meios para comunicação, há excesso de informação, ainda que absolutamente superficial. Não há ideologia, que passa a categoria de utopia. Sob uma máscara diplomática, prega-se o suprir qualquer demanda, em favor de propiciar a democracia de agires, fazeres e seres. Há, contudo, excesso de ideólogos, que proclamam saberes e verdades pretendentes a absolutas.

### **3 Filho-órfão do Um e do Outro: o Mesmo**

Há tempos, ou desde sempre, que o homem deixou de ser, ou nunca foi, o que poderíamos denominar *ser puro*. Ser puro, neste sentido, estaria parálem de *ser natural*, contraposto a *ser civilizado*. Ser puro é a outra-face do hibridismo. Não desejando persistir na discussão estado-de-natureza versus assinatura-do-contrato-social, instauração da civilização, deixo-a em suspenso.

Sobre ela muito se falou, a insistência na falácia não me agrada: o debate é eterno, aparente ao da galinha – veio antes ou depois do ovo? O homem é um ser condicional, no sentido exposto por Hanna Arendt. De natural, há o estado de condição, o estado de aculturado, de sujeitada, de interposto num real construído, produzido, antes dele e por ele, reconstruído a todo instante portanto<sup>26</sup>. Calcado num agir, e num ser: numa estética e numa ética.

O que interrogo é estado de híbrido, esta condição que, aparentemente (frisa-se, aparentemente!), sempre esteve aí. Não sendo puro, criado e re-criado, produzido, constituído ou estruturado, condicionado – como queiram – o homem sempre foi um agregado de fazeres, estares, atravessado pela alteridade, por Outro, outros. Logo, sempre foi um híbrido. Ora, o homem, *por natureza* – ainda no ventre de sua mãe – é um ser híbrido. É? Não é disso que vos falo. Que o homem é condicionalmente um ser múltiplo, multifacetado, plural e singular, diferente e igual ao mesmo tempo nada tenho a acrescentar. Que o humano é inscrito, o é propriamente dito, é sujeito, quando é inscrito na linguagem, no simbólico. E esta inscrição, essa possibilidade de vida, o laço social, acontece por intermédio da alteridade, desse Outro, desse campo de significações.

---

<sup>26</sup> Canclini, neste sentido, expõe as relações entre a mídia, o mercado e o espaço público. Para ele, “o mercado reorganiza o mundo público como palco do consumo e dramatização dos signos de *status*” e a mídia “se torna a constituinte dominante do sentido ‘público’ da cidade, a que simula integrar um imaginário urbano desagregado” (2000, p. 288-289).



Mas de quê Outro falamos hoje, há uma inscrição, estes que por aí existem o são sujeitos? A década de 1990, e os anos 2000 especialmente, revelam algo de novo: um novo humano, um novo modo de ser. Atrevo-me a dizer que, nestes últimos anos, constrói-se, produz-se uma *condição híbrida*, calcada numa subjetivação diferenciada, híbrida, interposta por um Outro simbólico e um Outro real: o Um e o Outro, o Mesmo<sup>27</sup>.

Falo de um hibridismo específico. O híbrido não é simples mistura; é a fusão, o entrelaçamento e mixagem, é a sobreposição e o eclipse dos não-misturáveis: aglutinação, justaposição. Nada há de híbrido quando junto, agrupo dois estilos musicais próximos, ou estavelmente equivalentes, seguintes a uma ritmicidade ou melodia peculiar, semelhante. Beethoven e Mozart, ainda que fundidos, não constituem um híbrido. Muito menos, Paralamas do Sucesso e Titãs, ou Aerosmith e Rolling Stones, por exemplo.

Ora, surge então, algo como Lady Gaga – um caso a parte, na discussão sexual, melhor deixá-la em suspenso nesse caso, voltaremos a ela. Poderíamos falar, sim, de algo como Beyoncé, do pop, e um astro do jazz: eis um híbrido! Híbrido há em Fresno com Chitãozinho e Xororó, ou Bajofondo, que une tango – esse bailado típico do subúrbio argentino, dramático e ferrenho – à música eletrônica – movimento, batida, reinante do meio das boates. Ou, ainda, em Rock de Galpão, projeto gaúcho que entrelaça rock e música tradicionalista, re-criando, criando algo de novo – inovação!

Não há *um* híbrido, há híbridos, (hibridismo)<sup>n</sup>. Podemos, então, falar de *níveis de afectação*, que de desleixe, ou na pressa, poderíamos traduzir, nomear *níveis de hibridização*. Ora, lembremos da hibridização de gêneros: o homem-sensível, o metrosssexual, o bissexual, o transsexual e o ser-de-sexo-indefinido são infinitamente díspares. O que os difere, além de sua diferença, a de cada qual, a de si? A *afectação* do hibridismo. Neste e em outros casos, níveis de hibridização, já que algo difere um híbrido inovador, artístico, criativo e construtivo, e um híbrido acidental ou até mesmo proposital, mas ultrajante, transgressor ao vigente.

---

<sup>27</sup> “A mídia se transformou, até certo ponto, na grande mediadora e mediatizadora e, portanto, em substituta de outras interações coletivas [...] ‘Aparecer em público’ é hoje ser visto por muita gente dispersa frente ao televisor familiar ou lendo um jornal em sua casa. Os líderes políticos ou intelectuais acentuam sua condição de atores teatrais, suas mensagens são divulgadas se são ‘notícia’, a ‘opinião pública’ é algo mensurável por pesquisas de opinião. O cidadão se tornou cliente, ‘público consumidor’”. (CANCLINI, 2000, p. 289-290).



Híbrido é instabilidade da mistura; a condensação de um fluído de coisas extremamente díspares, antes polarizadas, cá e lá, cada qual em seu quadrado. O hibridismo é rizomático, e ao mesmo tempo paralém-do-rizomático, é círculo sem forma, sem limitantes, sem circunferência. É o contido, o intermeio. Os não-misturáveis, as substâncias diacrônicas unidas. Filho do Um e do Outro, nasce o Híbrido. Ultrajante, é regido, porém perverso e psicótico, pela Imagem-Tecnologia, a madastra, e pelo neoliberalismo<sup>28</sup>, o padraço.

Uma representação desta realidade é encontrada na obra pictográfica de Salvador Dalí. Dalí soube ousar, fundamentando-se na escola surrealista, na qual o real é substancializado de forma *sui generis*. Figuras amorfas, além-real, hibridizadas, derretidas, extrapoladas, super-quantificadas nos remetem à sociedade atual, que prima pela instabilidade e pela desequilibração. Trabalho que chama a atenção pela incrível combinação de imagens bizarras, oníricas, com excelente qualidade plástica. Abuso de cores, choque no olhar, conflito interno *versus* externo, a representação do inconsciente, a aparência.

Eis o imperativo ético contemporâneo: “Hibridize toda e qualquer substância, sobretudo as orgânicas, afim de que novos estilos emerjam, como forma de aceitação e congregação da diferença”.

Falo, então, de um hibridismo, também pensado por Néstor Canclini. Como analisar cruzamentos de culturas, cruzamentos entre o popular e o culto, o popular e o massivo, o culto e o massivo? Interessante a alternativa do autor: problematizar por meio de uma linguagem descontínua, acelerada e paródica, uma linguagem visual, de *videoclip*, que possibilite outro tipo de organização de dados. Pois, se o híbrido pode ser pensado em termos de “cultura urbana” – que dá conta dessas questões e problemáticas –, ele ocorre como consequência de três processos fundamentais: quebra e mescla de sistemas culturais; desterritorialização dos processos simbólicos; e expansão dos gêneros impuros.

As transformações culturais, e a hibridização como dispositivo contemporâneo, são “geradas pelas últimas tecnologias e por mudanças na produção e circulação simbólica” (CANCLINI, 2000, p.284). Essas transformações, contudo, não são de responsabilidade exclusiva dos meios de comunicação. A expansão urbana, nesse

<sup>28</sup> Canclini (2000) afirma que, no contemporâneo, a vida urbana coincide com o meio rural por consequência das interações comerciais deste com a cidade e pela recepção dos *mass media*, que figuram igualmente em todos os meandros.



sentido, pode ser tomada como uma das causas que intensificaram a hibridização cultural: a oferta simbólica heterogênea, renovada por uma constante interação do local com as redes nacionais e transnacionais de comunicação, em contraposição às culturas rurais – tradicionais, locais e homogêneas.

E não só a urbanização: seu entrelaçamento “com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação imaterial (dos meios massivos à telemática) que modificam os vínculos entre o público e o privado” (p.285-286). A esfera pública já não é o lugar de participação racional, a partir do qual se determina a ordem social: há uma perda do sentido da cidade. Em paralelo, uma vivência num outro espaço público, porém privado; privado, porém público: o virtual, o computacional. As praças esvaziam-se; os fóruns, as redes sociais e os chats se expandem. As medidas econômicas e os pedidos de colaboração ao povo (como manifestações e assemelhados) são anunciados ou solicitados pela televisão<sup>29</sup>.

Se a mistura acontece, fundir para construir, autores se encontram, armam e interligam conceitos. Baudrillard, Canclini, Deleuze & Guattari e Lacan. Enigmáticos e mais-que-atuais, são hibridizados neste estudo. Pretende-se perguntas, questionamentos, reflexões. Respostas serão relegadas a segundo plano. De quê híbrido se fala? Três hipóteses, três redes, três produções de sujeito, níveis de enunciação do híbrido, a constituir o tecido dissertativo, porque nem todo híbrido tem equivalência: podemos falar em *tipos de híbrido*.

Jean Baudrillard (1990) menciona a existência, hoje, de **fenômenos extremos**, derivados de um período pós-orgia, tempo de proliferação generalizada, semelhante a um câncer ou vírus, de imagens, indiferenças e saberes, de superprodução de simulações – já que todas as cenas aconteceram. Após as liberações – sexual, política, de forças produtivas, das forças destrutivas, da mulher, da criança, de opinião, das pulsões inconscientes, da arte – restaria, então, um momento de zero, de indistinção: metonímia geral. Uma transparência do mal, um mal não moral, porém estranho, desequilibrante, vertiginoso, sedutor: princípio de desligação, não de morte. Neste sentido, o Mesmo

---

<sup>29</sup> “A ‘cultura urbana’ é reestruturada ao ceder o protagonismo do espaço público às tecnologias eletrônicas. Como quase tudo na cidade ‘acontece’ porque a mídia o diz e como parece que ocorre como a mídia quer, acentua-se a mediatização social, o peso das encenações, as ações políticas se constituem enquanto imagens da política. Daí que Eliseo Verón afirme, de forma radical, que participar é hoje relacionar-se com uma ‘democracia audiovisual’, na qual o real é produzido pelas imagens geradas na mídia” (CANCLINI, 2000, p.290).



como referência, a auto-referencialidade, a ausência do Outro: o sujeito constituído hibridamente, Jean-Baptiste Grenouille e *O perfume*, de Patrick Süskind

Gilles Deleuze e Félix Guattari, por outro lado, falam de um **gozo**, provido das máquinas desejantes. O capitalismo produziria um sujeito esquizofrênico: de fluxos e devires intensos, emaranhados, caosmóticos e, nesse sentido, complexos. Dimensão de um inconsciente máquina, um inconsciente esquizofrênico: o gozo e o pensamento pensados em termos de deslocamento e dispêndio de energia, de relações de proximidade, graduação e intensidade e não de diferença, diferença qualitativa: a idéia de sujeito hibridizado, lembra Gregor Samsa e *A Metamorfose*, de Franz Kafka. .

Uma terceira via: o conceito de **sinthoma**, cunhado por Jacques Lacan (2007), *sinthòme*, no original, um neologismo de sintoma e homem, sinthomem. Diferente de sintoma, sem *th*, manifestação simbólica da estrutura psíquica do sujeito, o sinthoma é o que permite o laço social. É a loucura de cada qual, o “fiel companheiro” do sujeito, o que também o limita. Possui um sentido de originalidade, criação, arte, singularidade, porque se inscreve par’além da estrutura, sempre no sentido da forclusão, como mecanismo de organização do gozo: o sujeito de fala híbrida. Sore e *O tal eros só*, de Paulo Ribeiro.

### Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- \_\_\_\_\_. **A transparência do mal**: ensaio sobre os fenômenos extremos. 8 ed. Campinas: Papyrus, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças**: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.



- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. IN DREYFUS, Hubert L; RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREITAS, Verlaine. **Adorno & a arte contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 6.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma ético-estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- KEHL, Maria Rita. Você decide... e Freud explica. In: CHALHUB, Samira (org.). **Psicanálise e o contemporâneo**. São Paulo: Hacker, 1996.
- LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 23: O sinthoma**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal**: ética, mídia, empresa. São Paulo: Sulina, 2004.
- MENDONÇA, Antônio Sérgio de Lima. A insustentável leveza da cultura. In: **O ensino de Lacan II**. Rio de Janeiro: CEL, Gryphus, 1994.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. O conceito de cultura revisitado. **Conexão: Comunicação e Cultura**, Universidade de Caxias do Sul, v. 2, n. 4, p. 177-184, 2003.
- SANTUÁRIO, Luiz Carlos. É possível clonar o humano?. In: KUIAVA, Evaldo; PAVIANI, Jayme (org.). **Educação, Ética e Epistemologia**. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Televisão e psicanálise**. São Paulo: Ática, 2000.
- ZIZEK, Slavoj. A fuga para o real, **Folha de S. Paulo**, Caderno Mais, 08 de abril de 2008, p.8-12.